

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 277/2013

ENCRUZILHADA

Uma escolha muito difícil está chegando diante dos brasileiros, e a visita do Ministro russo da Defesa, Sergei Shoigu, esta semana que passou pode ser a primeira manifestação dessa encruzilhada. A notícia diz que ele trouxe um oferecimento espetacular, digno de comemorações entusiásticas, que seria a participação do Brasil na produção de um avião de caça de quinta geração, o T-50. Todos conhecem a competência tecnológica dos russos na indústria aeronáutica e não é difícil avaliar a dimensão do salto que o Brasil daria com esta participação na vanguarda da vanguarda de uma indústria tão sofisticada. Não só no aspecto econômico, pelos fantásticos desdobramentos tecnológicos, mas também na dimensão política internacional: o Brasil teria ingresso no clube das potências industrial-militares.

Terá havido mesmo este oferecimento? Pode, sim, ter havido, em troca da compra dos caças sukoi para a nossa Força Aérea. Se não saiu na mídia seria por se tratar de um desses segredos de Estado que cobrem normalmente os assuntos militares mais importantes, e que andam sendo desvelados ultimamente, para desespero dos potentados.

Bem, e se houve, seria o caso de aceitar ou recusar? Não seria este o caminho aberto para o tão demandado desenvolvimento tecnológico que nos colocaria definitivamente no primeiro mundo? Não é o que reclama a mídia diariamente?

Sim, claro, porém a mesma mídia viria logo com uma advertência grave que é preciso considerar: uma advertência falando sobre os perigos de uma retaliação americana; falando da nossa aliança tradicional com a grande potência, de longe a maior do mundo, incontrastável, que mantém uma forte pendência de confronto com a Rússia, resquício da guerra fria, e que por isso mesmo veria com muitíssimo desgosto essa nova associação do Brasil; e que poderia retaliar de mil maneiras profundamente prejudiciais ao nosso desenvolvimento.

Vozes nacionalistas poderiam contra-argumentar que a participação da Índia (também anunciada) caracterizaria uma iniciativa dos BRICS, que têm a potência da China ao seu lado, e que constituem a nova força ascendente no mundo, capaz de fazer frente ao maior poder que já existiu na história da humanidade. E que este poder maior, da América do Norte, dá sinais inequívocos de enfraquecimento pela radicalização das suas lutas internas, com o surgimento de novas e surpreendentes manifestações do velho isolacionismo auto-suficiente americano.

Mas não; mesmo com essas novas razões postas em consideração, a velha advertência com certeza ainda vale; há que respeitá-la.

Mas não é este, a meu juízo, o lado principal da questão. Nem se sabe ao certo se houve a tal oferta, nem em que termos foi apresentada, em que condições efetivas se daria a transferência de tanta tecnologia. Estou querendo apenas aproveitar a notícia para discutir o tema em outra perspectiva, levantar outro tipo de dúvida, que diz respeito ao nosso desenvolvimento e que tem de ser levada extensa e profundamente à opinião do País, uma questão que é muito forte e grave entre os brasileiros que acreditam no Brasil e no futuro da Humanidade.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturninobraga@saturninobraga.com.br
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 277/2013

Trata-se da seguinte pergunta crucial: mesmo que tivesse havido tal possibilidade oferecida ao Brasil, valeria a pena jogar o País na senda do grande crescimento econômico pelo setor industrial-militar? Valeria a pena embarcar sem retorno na sequência das potências de hoje e afirmar o Brasil no mundo pela expressão de sua indústria militar? Valeria ser mais uma grande potência militar e consumista, iguais às de hoje, engrossando as forças que arruinam o planeta e confirmam o velho e cínico adágio de que só a força material dá conforto e dignidade? Será este o projeto de desenvolvimento para o Brasil?

Bem, a resposta só pode ser dada pelo povo como um todo, isto é, pela Nação. Pessoalmente, sigo as palavras do nosso maior pensador, Celso Furtado, quando ele rejeitava a velha tendência das sociedades menos desenvolvidas de imitar os padrões culturais de vida, de consumo, e de afirmação de força dos países mais ricos. Não só pela insustentabilidade planetária como pela inviabilidade do nosso próprio processo de desenvolvimento, que encontraria obstáculos cada vez maiores no consumo conspícuo das camadas ricas e médias, e na instabilidade política das desigualdades internas crescentes. Além, ademais, da multiplicação inevitável e insopitável dos gastos militares que hoje estão corroendo a economia americana.

Desta pergunta se passa facilmente a outra muito próxima: qual desenvolvimento será preferível para o Brasil, à luz de todas as condições e conseqüências de cada um dos caminhos?

Não é possível repetir o caminho dos ricos de hoje porque as condições do mundo dominado por eles é completamente diferente da de 200 anos atrás. Seria então o desenvolvimento pela via da integração do business, formando uma comunidade de negócios com a grande economia do Norte, como está sendo tentado pelo México? Ou seria o caminho da disciplina asiática, politicamente autoritária, concentrando renda para alavancar a poupança e o investimento, como fizeram o Japão, a Coréia e está fazendo a China para romper a chamada barreira da renda média? Ou haveria um caminho eminentemente brasileiro, do amadurecimento político, da negociação democrática participativa, da busca da economia política planejada e igualitária, com crescimento moderado, aceitando a condição da renda média como satisfatória para propiciar uma vida digna aos seus cidadãos, fazendo claramente a opção pela vida humanística e não pelo fascínio do poder e do alto consumo?

Eis a encruzilhada. Tenho minha preferência pessoal mas adianto a minha opinião final: só teremos uma resposta convincente quando todos os brasileiros tiverem condição para formar sua opinião consciente, depois de uma discussão extensa, demorada e verdadeiramente democrática, habermasiana, à luz de uma luminosa razão comunicativa de âmbito nacional.

Quando isso acontecer, o Brasil terá a liderança incontestável entre as nações do mundo.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturninobraga@saturninobraga.com.br
www.saturninobraga.com.br